

✍ Fazer quarentena antes de introduzir os novos animais no rebanho.

✍ Examinar por palpação nos locais dos principais linfonodos (Figura 1) todos os animais a serem adquiridos.

✍ Não adquirir animais com sinais clínicos (abscessos e cicatrizes) nos locais sugestivos de linfadenite caseosa.

✍ Fazer a higienização das instalações com frequência, utilizando-se produtos químicos ou vassoura de fogo.

✍ Examinar periodicamente todos os animais do rebanho para observar o surgimento de abscessos. Separar os animais que apresentarem linfadenite caseosa e tratar.

✍ Realizar o corte e a desinfecção do umbigo dos recém-nascidos com tintura de iodo a 10%.

✍ Tratar qualquer tipo de ferimento, pois este se constitui em uma importante porta de entrada para *C. pseudotuberculosis*.

✍ Sempre que possível, realizar diagnóstico sorológico da linfadenite caseosa e acompanhar os soropositivos.

✍ Implementar programa de descarte dos animais que apresentam quadros de recidivas de linfadenite caseosa.

✍ Utilizar programas de vacinação contra linfadenite caseosa sob acompanhamento de médico-veterinário.

✍ Medidas de controle devem incluir o abate de animais menos produtivo, mais velhos e aqueles que apresentam várias cicatrizes de abscessos causados por linfadenite caseosa.

Considerações finais

A linfadenite caseosa é uma enfermidade infectocontagiosa crônica que causa grandes prejuízos aos sistemas de produção de ovinos e caprinos, principalmente para os pequenos produtores, como: diminuição na produção de carne e leite; limitação do ganho de peso; diminuição da eficiência reprodutiva, o que resulta em redução na taxa de nascimentos de crias; aumento na condenação de carcaças, perda de qualidade do couro e desvalorização dos rebanhos acometidos.

O mal-do-carço, uma vez introduzido nos animais de um rebanho, torna a erradicação difícil, por se tratar de uma doença crônica. Diante disso, todas as medidas para evitar a introdução da doença e também aquelas para a prevenção e o controle são de grande importância.

A convivência com a linfadenite caseosa em um rebanho causa sérias dificuldades operacionais e gastos com mão de obra, medicamentos, testes para os diagnósticos, entre outros. Portanto, é importante lembrar que a prevenção é sempre a melhor alternativa. A realização de programas de imunização deve ser sempre acompanhada por um médico-veterinário, visto que as vacinas que estão disponíveis comercialmente no Brasil para o controle da doença possuem condições específicas de uso.

¹Médica-veterinária, D.Sc. em Medicina Veterinária Preventiva, pesquisadora da Embrapa Semiárido, Petrolina, PE.

²Médico-veterinário, Consultor em Defesa Sanitária Animal, Petrolina, PE.

³Médico-veterinário, D.Sc. em Medicina Veterinária Preventiva, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP.

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

BR 428, km 152, s/n | Zona Rural | Caixa Postal 23 | CEP 56302-970 | Petrolina-PE

Fone (87) 3862.1711 | e-mail: <http://www.embrapa.br/fale-conosco/sac/> | <http://www.embrapa.br/semiario>

Foto da capa: Edmilson de Moura Dantas Júnior | Impressão: **Formato digital.**

Instruções Técnicas da Embrapa Semiárido

on line

Petrolina, Dezembro 2015

123



**Linfadenite caseosa: sinais clínicos,
localização dos principais linfonodos acometidos,
recomendações para prevenção e controle**

Josir Laine Aparecida Veschi¹
Edson Mandagaran Ramos²
Luiz Francisco Zafalon³

Introdução

A linfadenite caseosa é popularmente denominada mal-do-carço ou simplesmente carço, pela característica da formação de abscessos semelhantes a carços nos linfonodos (gânglios ou inguas) acometidos. Também pode ser denominada de pseudo tuberculose, por causa da semelhança que as lesões nos órgãos internos apresentam com as da tuberculose.

A linfadenite caseosa é uma enfermidade infectocontagiosa crônica que acomete, principalmente, caprinos e ovinos. A doença é transmitida de um animal infectado para um saudável. Os animais infectados com a doença podem estar ou não, apresentando abscessos (carços), mas são portadores e podem estar transmitindo a bactéria para outros animais.

O mal-do-carço é causado pela bactéria *Corynebacterium pseudotuberculosis* que tem distribuição mundial. Caracteriza-se pela formação de abscessos em linfonodos superficiais, podendo também acometer órgãos e linfonodos profundos.

A transmissão da enfermidade ocorre, principalmente, por meio da contaminação de ferimentos na pele com o conteúdo de abscessos contendo a bactéria, causando a forma superficial da doença. Outras formas de transmissão são a ingestão de alimentos contaminados com material purulento e a inalação de aerossóis contaminados. Estas duas últimas formas, em geral, evoluem para a linfadenite caseosa visceral.

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de apresentar informações sobre a linfadenite caseosa que possam contribuir para que os criadores de caprinos e ovinos identifiquem os animais dos seus rebanhos que estejam acometidos pela doença, além de apresentar algumas medidas de prevenção e controle para a mesma.

Sinais clínicos

No local em que o *C. pseudotuberculosis* se instala (linfonodos ou órgãos) ocorre a formação de pus caseoso e denso, de coloração branca amarelada, envolvido por cápsula fibrosa. Com a evolução da doença, este conteúdo vai se tornando seco e começa a apresentar sais de cálcio (cristais calcificados). Nos abscessos em estágio avançado, o pus pode estar organizado em camadas concêntricas assemelhando-se a uma cebola, sinal clínico muito comum na linfadenite caseosa dos ovinos.

Clinicamente, a linfadenite caseosa pode se apresentar sob duas formas: a superficial ou cutânea e a profunda ou visceral. A forma superficial é facilmente visualizada, pelo aumento de volume de linfonodos que apresentam conteúdo caseoso. Os linfonodos superficiais, mais comumente acometidos pela linfadenite caseosa, são os parotídeos, mandibulares, retrofaríngeos, escapulares, inguinais, poplíteos e mamários (Figuras 1 e 2). Os abscessos, quando não drenados, se rompem espontaneamente eliminando o conteúdo caseoso no ambiente.

Na forma visceral ou profunda, os linfonodos mais acometidos são os dos órgãos como, pulmões, fígado e rins. Esta forma só é diagnóstica por testes sorológicos, feitos em laboratório ou quando o animal é encaminhado ao abate e a inspeção *post mortem* realizada por um médico-veterinário. Nesta última forma, partes da carcaça ou toda a carcaça, podem ser condenadas (incineração no abatedouro) e não são destinadas para o consumo humano.

Recomendações para a prevenção e o controle da linfadenite caseosa

✍ Evitar a aquisição de animais de rebanhos contaminados pela doença.

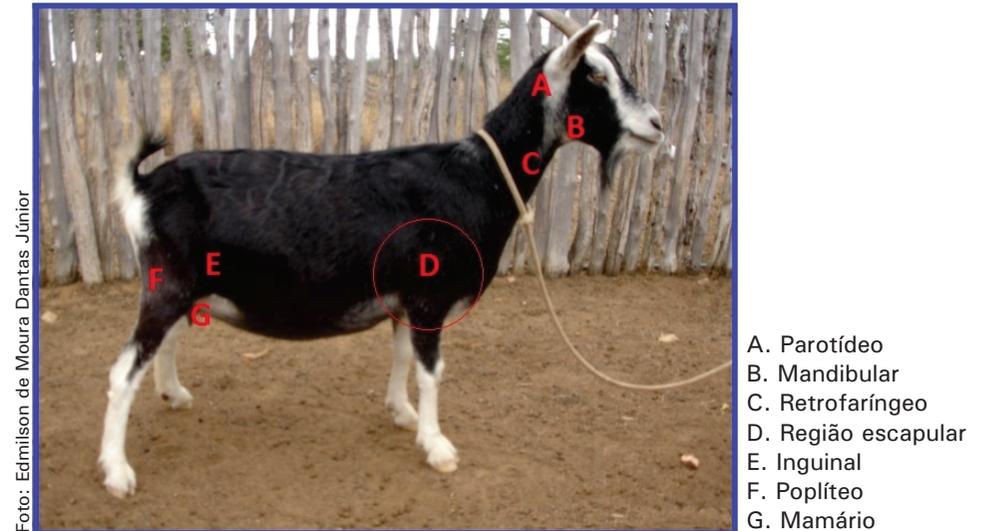


Foto: Edmison de Moura Dantas Júnior

Figura 1. Identificação (A até G) dos locais dos principais linfonodos superficiais que podem ser acometidos pela linfadenite caseosa em caprinos e ovinos.

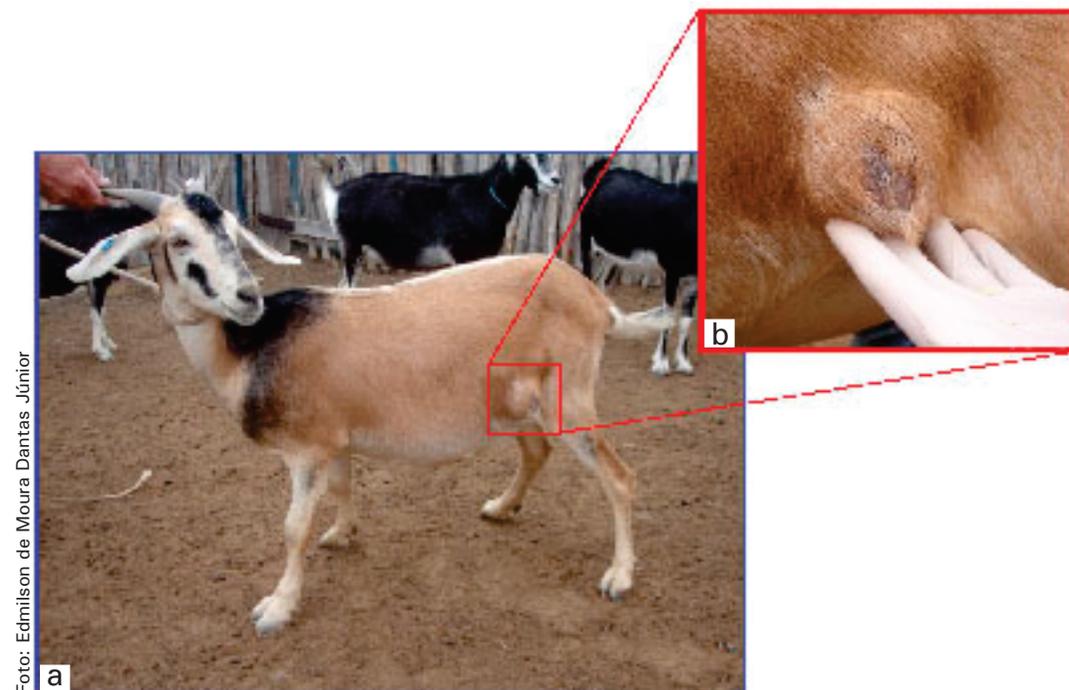


Foto: Edmison de Moura Dantas Júnior

Figura 2. a) Cabrita com abscesso causado por linfadenite caseosa no linfonodo inguinal (lado esquerdo). b) Abscesso com queda de pelos na área central, em ponto para a realização da drenagem.